

# Eu não sou uma analista

LUCAS NOGUEIRA

(\*Todo o texto não passa de um punhado de impressões e interpretações pessoais sobre a minha experiência com Meg Harris - não que pudesse ser qualquer outra coisa.)

“Eu não sou uma analista<sup>[1]</sup>, sou uma analisante.” Meg advertiu seus ouvintes no começo de sua primeira apresentação. Causando um certo desconforto na sala, que talvez não esperasse que ela se descrevesse como uma paciente e nada a mais. Aos poucos ficou claro que não era só uma advertência a respeito de suas credenciais, mas uma postura teórica importante.

Para falar da minha experiência como tradutor de Meg Harris preciso contextualizar meu encontro com essa oportunidade.

Como a maioria, eu conhecia o livro que ela havia escrito com Meltzer, mas não tinha tido a chance de lê-lo. Só tinha participado de uma conversa preparatória para o evento, mas o texto que havíamos trabalhado era o de Jansy e não de Meg. Então estava virtualmente despreparado para a apresentação.

Logo de manhã, antes de começarem as falas, descobrimos que o tradutor que a acompanharia durante o dia havia adoecido da voz e não poderia participar. Começaram então as propostas de solução, sugestões de pessoas que pudessem acompanhá-la e fazer o papel do tradutor.

A escolha óbvia era Nina Lira, que havia traduzido a apresentação principal de Meg, mas como ela ainda não havia chegado Estanislau sugeriu

Psicólogo, psicanalista, coordenação da Comissão de Divulgação e membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

---

1. *I'm not an analyst, I'm an analisand.*

que eu fizesse o trabalho. Concordei, um pouco preocupado se eu conseguiria dar conta.

Mas eu não precisei me preocupar, pois Nina chegou e aceitou o trabalho.

O texto de Meg Harris era lindo. Sua proposta de pensar sobre a fé em relação ao objeto, à O, e à relação analítica me trouxeram a certeza de que eu iria reler aquele texto um punhado de vezes.

E a tradução de Nina acompanhou a apresentação. Ela fez um ótimo trabalho. Tanto que gerou certa comoção para que ela pudesse também aproveitar as apresentações sem a função de precisar a cada momento traduzir as perguntas e respostas. Nessa situação eu voltei à cena.

Apresentei-me à Meg, que me recebeu carinhosamente de sua maneira reservada com um aperto de mão. Eu poderia passar bastante tempo explicando o quão educada, gentil, inteligente e perspicaz Meg foi, mas não acho que deva me deter no óbvio. Descreverei o que me chamou a atenção como inesperado. Nos primeiros momentos em que me sentei do lado dela, o assunto logo terminou, no lugar de um silêncio desconfortável ela se distraiu com alguns papéis à sua frente e com o movimento de pessoas. Não parecia de maneira alguma incomodada ou pressionada a manter uma conversação duradoura e instigante, ela apenas me falava o que cabia na situação. Com essa postura leve, a expressão das pessoas, que voltavam aos poucos do almoço, foi ficando mais tranquila e aos poucos foram perdendo o medo de seus comentários e perguntas, foram se aproximando, pedindo que eu traduzisse.

Eram elogios, perguntas sobre ela, sobre os ingleses, sobre autores brasileiros. Meg respondeu a todas elas com a mesma tranquilidade, interessada em entender quem eram aqueles modernistas brasileiros de quem lhe falavam, como os brasileiros estudavam psicanálise e qual a incidência de lacanianos no nosso meio.

Revelou-me curiosamente que os ingleses não leem tanta psicanálise como nós aparentemente liamos. Ao menos os alunos dela não liam os textos que ela indicava.

Ela conversava com os outros e comigo como se não estivesse partindo de nenhum ponto privilegiado, não se portava como detentora de um

conhecimento exclusivo e segregador, qualquer opinião era válida e passível de ser considerada.

A apresentação seguinte era de Jansy Mello, Meg acompanhou timidamente através do texto traduzido que lhe entregaram, mas Jansy improvisava e partia em outras direções com frequência, o que me colocou a trabalhar rapidamente e num tom baixo para não atrapalhar a apresentação. Novamente Meg reagiu como se fosse apenas mais uma ouvinte, não demandava clareza nas minhas traduções, nem esperava que eu traduzisse todas as vezes que Jansy saía do texto, ela se aproximava quando eu fazia menção de recomeçar uma tradução, captava aquilo que conseguia e seguia em frente.

Por vezes eu enxerguei no rosto dela uma expressão de incerteza, de confusão, que sinto terem sido causadas por uma tradução mal feita, imprecisa. Mas, novamente, ela tentava se haver com aquilo que eu havia lhe dado, tentava consertar sozinha a compreensão, seguindo em frente e só parando para esclarecer a ocasional palavra mastigada, que eu na pressa não me preocupava em articular.

Assim seguíamos trabalhando. Meg, a ouvinte, que parecia se sentir com sorte de ter uma tradução, por mais pobre que ela pudesse ser vez ou outra.

Em seguida veio sua segunda apresentação, dessa vez o tema era sobre o lifiedrawing, um tema já um pouco distante das práticas clínicas e teorias correntes que usávamos, mas que tinha a intenção, tanto em sua execução quanto em sua apresentação, de aproximar o psicoterapeuta da produção artística através de paralelos. Falava da produção artística como caminho, via de esclarecimento e conhecimento para todos, dentre eles, também, analistas. Novamente, Meg não estava só dando uma palestra sobre uma prática artística, ela estava contando como ela aborda e dá conta da psicanálise. Como um desenho vivo que exige tanto do artista quanto do modelo para ser produzido.

Ela falava de encontros que se dão nesse limiar do esperar. Se por um lado temos alguma expectativa do que encontrar no mundo, por outro temos que ter a paciência e abertura interna para se abrir ao novo. Tanto na fé quanto na arte. Bem como na psicanálise.

Novamente vieram perguntas e perguntas. Algumas curtas e simples, outras longas e torcidas. Meg as abordou da mesma maneira paciente e sem

pressa. Ela acolhia o que conseguia, completava a pergunta com algumas poucas assunções necessárias para que a pergunta tivesse razão de existir e respondia da maneira mais simples e objetiva.

Não parecia ter a intenção de impressionar com uma articulação complexa, só queria responder, e quando não conseguia responder ela o dizia. Mesmo assim ela não se considerava responsável por responder cada uma delas, se dando a liberdade de dizer ‘não sei’, de responder ‘me responda você o que acha’ para o questionador e até de me revelar ao pé de ouvido ‘não entendi a pergunta’. Nessa última situação eu não pude deixar de me compadecer. Talvez fosse minha culpa, pois eu também não havia entendido a pergunta. Então revelei para ela: ‘eu também não entendi a pergunta’. No lugar de requerer algum esclarecimento ela parou, juntou alguns termos usados na pergunta e montou uma resposta para uma pergunta que não existia. Partiu do princípio de que se queria escutar alguma coisa a respeito daquelas palavras e foi isso que ela fez.

Ninguém pareceu se importar, ou mesmo perceber, que Meg estava dissertando sobre o tema e não exatamente respondendo. Mais do que isso, ela não pareceu culpada ou incomodada, nem com a pergunta nem com a sua resposta.

Em seguida tivemos a supervisão de Jansy. Emir trouxe um caso para apresentar, no qual o paciente lhe sugeria que talvez pudesse matá-lo. Enquanto todos ali se concentravam nas interpretações possíveis, Meg me confessava que Emir havia tido sorte em escapar.

Com a inocência de alguém que não se coloca dia a dia em risco com seus pacientes, ela não parecia se dar conta de que não nos concentrávamos no perigo real, mas na maneira de escapar do pavor dele e continuar atendendo.

Novamente ela mostrava a simplicidade de alguém que está diante dos fatos à sua frente, nua e desarmada. Se alguém lhe ameaça de morte, a melhor saída é a fuga e não a interpretação do antagonista.

A nudez de Meg me revelou o quão pronto eu estava mesmo antes dos fatos chegarem a mim. Como era difícil se despir da postura analítica antes de conhecer o objeto e reagir naturalmente. E então ela produziu uma associação livre, ‘Arbeit Macht Frei’, a placa que recebia os prisioneiros em Auschwitz, anunciando que o trabalho os libertaria. Pediu que eu anunciasse à mesa essa associação.

A sala parou para tentar compreender o que a associação sugeriria e, aos poucos, alguns chegaram a conclusões enquanto outros continuaram na confusão. Mas a realidade é que ela não estava sugerindo nada específico, estava realmente produzindo e anunciando uma associação livre, como uma analisanda.

Uma posição radical num ambiente de analistas, tentando a todo custo juntar os fragmentos para formar uma imagem orgânica.

Aos poucos essa se tornou a lição silenciosa de Meg para mim, o exemplo de alguém que não se perde na esterilidade da máquina psicanalítica bem azeitada. Seus conceitos eram servos e não senhores da experiência. Logo não havia por que descartar qualquer pergunta, ou ter que adequá-la à sua epistemologia.

Suas apresentações também seguiram esse princípio, elas apontavam para aspectos desconsiderados da experiência, como o *lifedrawing*, e indicavam a necessidade de manter-se numa posição de crença em algo que não se conhece.

A necessidade de teorizar, diagramar e coordenar o que entendemos não pode ser nociva ao nosso trabalho. Pelo contrário, imagino que seja parte essencial do que nos torna analistas.

Conseguir reger um conjunto de experiências em torno de um mesmo ritmo, de uma mesma peça. Mas nos perdemos constantemente no ritmo que impomos ao material e perdemos as leves nuances de cada situação, o sutil desarrumo da cena presente. Num primeiro momento descartamos esses erros, porque é assim que nos chegamos inicialmente, como erros. Os encaixamos na harmonia da compreensão do que se passa. Mas quando fazemos dessa forma, perdemos a chance de improvisar em outra direção.

Acompanhar a arritmia causada pelo contato com o outro, com o real, com o resto.

Meg estava nos contando isso através de seus trabalhos, falando desse espaço entre a fé e a relação nova com o objeto, entre o ainda-não-saber e a possibilidade de crescimento. E havia conseguido resumir isso da maneira mais simples e comunicativa: ela se lembrava ainda sobre como era ser paciente e indicava que aquela sensibilidade era a chave para entender o que estava

falando.

Meg é uma artista acima de tudo. Ela não se preocupa em acertar, em se referenciar precisamente ao que veio antes, mas em ser honesta consigo mesma. Ela procurava responder com o que tinha, tanto a compreensão, como as palavras, e nada mais.

O ‘nada mais’ que talvez tenha sido insuportável para o público que esperava receber uma analista. O ‘nada mais’ que não corresponde às nossas expectativas narcísicas de reconhecimento e status.

Talvez eu a tenha percebido dessa forma porque a minha posição ali não demandava qualquer excelência. Eu estava fazendo o meu melhor, sem ter me comprometido a dar conta de tudo. Eu não era um tradutor, eu estava traduzindo.

Traduzindo Meg não só presenciei e dialoguei com alguém que entende a psicanálise intimamente, mas, ironicamente, me encontrei com alguém que não se cobra nada, além do que consegue fazer.

Depois de tantos anos tentando ser analista, só espero poder voltar a ser analisando.

E nada a mais.

**Lucas Nogueira**

Al. Campinas, 880 cj 41

11 99624-2607

lucasdealmeidanogueira@gmail.com